

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Ana Carolina de Oliveira Galhard

AS REPRESENTAÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO NO SERIADO *THE MIDDLE*

Porto Alegre
2013

Ana Carolina de Oliveira Galhard

AS REPRESENTAÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO NO SERIADO *THE MIDDLE*

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jeniffer Alves Cuty

Porto Alegre
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto
Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura
Vice-Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dra. Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Chefe-Substituto: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz
Coordenadora substituta: Prof. Me. Glória Sattamini Ferreira

Dados internacionais da catalogação na publicação (CIP)

G156r Galhard, Ana Carolina de O.

As representações do bibliotecário no seriado The Middle /
Ana Carolina de Oliveira Galhard ; orientadora Jeniffer Alves
Cuty – Porto Alegre, 2013.

51 f. : il.

1.Representação social. 2.Imaginário coletivo.
3.Audiovisual.4.Bibliotecário.
I. Cuty, Jeniffer.

CDU 023.4:791.43-029:82-3

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Bairro Santana – Porto Alegre – RS

CEP 90035-007

Telefone: (051) 3316-5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Jeniffer Alves Cuty
Departamento de Ciência da Informação UFRGS
Orientadora

Prof. Me. Glória Isabel Sattamini Ferreira
Examinadora Interna
Departamento de Ciência da Informação UFRGS

Miriam Moema Loss
Bibl. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - UFRGS
Examinadora Externa

Porto Alegre
2013

Agradecimentos

Vamos aos agradecimentos, que com muita alegria e milagrosamente, posso escrever!

Primeiramente agradeço a minha tia Oba (Rose para os de fora), que introduziu o cinema para mim, que com toda sua sabedoria, teve paciência para me aturar e me incentivar por todos esses anos.

Agradeço também a minha mãe, por não opinar nas minhas escolhas e aceitar os meus erros.

Agradeço minha tia Marília por ser uma referência de amor.

Agradeço aos Belmontes: Filipe (afilhadinho lindo), Fernando (melhor churrasco), Eduardo (amigo desde sempre) e Ângela (mais que uma tia) pelo apoio e por serem a minha segunda família.

Obrigada também a minha melhor amiga, Karina, que me aguenta há anos, que suporta meu mau-humor e que sabe e compartilhou de muitos dos meus micos! Hehehe!

Maite! Obrigada por seres como tu és!

Agradeço também, aos colegas e amigos que foram a razão de eu ter terminado esse curso: Roberta, Michelle, Lucas, Rejane, Lara , Janice, Simone, Mariana, Annie e Vinícius! Pelas risadas, pela ajuda, pelos trabalhos em “grupo”, por me acordarem, por beberem comigo e por todos os momentos, mesmo os ruins, que passamos juntos.

Agradeço a gata Mia, por aquecer os meus pés enquanto eu escrevia o TCC.

Agradeço a existência do cinema e da televisão, que servem de refúgio para todas as horas.

Agradeço ao Mulder e a Scully! Só para não perder o hábito! Hahahahahaha!

E finalmente, agradeço a minha orientadora, Jeniffer Cuty, por acreditar que eu tinha capacidade de fazer este trabalho.

*“Choose a life. Choose a job. Choose a career. Choose a family. Choose a fucking big television. Choose washing machines, cars, compact disc players and electrical tin openers...
Choose DSY and wondering who the fuck you are on a Sunday morning.
Choose sitting on that couch watching mind-numbing, spirit crushing game shows, sticking junk food into your mouth. Choose rotting away in the end of it all, pishing your last in a miserable home, nothing more than an embarrassment to the selfish, fucked up brats you spawned to replace yourself, choose your future. Choose life...
But why would I want to do a thing like that?”*

Irvine Welsh, Trainspotting.

Resumo

Apresenta uma análise sobre a representação do bibliotecário no seriado cômico norte americano *The Middle*. Aborda através de uma metodologia qualitativa o imaginário como sistema de ideias e imagens de representação coletiva, a valoração, como expressão da consciência coletiva e o método da montagem cinematográfica através de Willi Bolle (1994) e Sergei Eisenstein (2002) como método que justapõe fragmentos, formando uma imagem que incorpora o tema. Teve como objetivo identificar as representações do profissional da informação e relacionar com a teoria da montagem por justaposição. Estabelece um *corpus* específico para a análise através de dois episódios selecionados do seriado. Aplica os conceitos citados aos episódios e discorre acerca da representação do bibliotecário no contexto do tema trabalhado. Expõe como a comunicação de massa pode influenciar no ponto de vista do espectador e o quão importante isto é para a profissão de bibliotecário. Reproduz os diálogos e discursos presentes nos *frames* selecionados a fim de melhor entendimento do leitor.

Palavras-chave: Bibliotecário. Representação. Imaginário. Audiovisual. Método da montagem.

ABSTRACT

Presents an analysis of the representation of the librarian in the North American sitcom *The Middle*. Addresses, through a qualitative methodology as the imaginary system of ideas and images of collective representation, valuation, as an expression of the collective consciousness and the method of montage by Willi Bolle (1994) and Sergei Eisenstein (2002) as a method that juxtaposes fragments forming an image that embodies the theme. Had to identify the representations of the professional of information and relate with the theory of montage by juxtaposition. Establishes a specific corpus for analysis by two selected episodes of the show. Applies the concepts mentioned on episodes and talks about the representation of the librarian in the context of the worked theme. Exposes how the mass media can influence the viewer's point of view and how important it is for the librarian profession. Reproduces the dialogues and discourses present in the selected frames to better understanding of the reader.

Keywords: Librarian. Representation. Imaginary. Audiovisual. Montage method.

LISTA DE IMAGENS

É Bom Estar na Média

<i>Frame 01</i>	31
<i>Frame 02</i>	31
<i>Frame 03</i>	31
<i>Frame 04</i>	31
<i>Frame 05</i>	31
<i>Frame 06</i>	32
<i>Frame 07</i>	32
<i>Frame 08</i>	32
<i>Frame 09</i>	32
<i>Frame 10</i>	32
<i>Frame 11</i>	33
<i>Frame 12</i>	33
<i>Frame 13</i>	33
<i>Frame 14</i>	34

Ação de Graças II

<i>Frame 01</i>	41
<i>Frame 02</i>	41
<i>Frame 03</i>	41
<i>Frame 04</i>	41
<i>Frame 05</i>	41
<i>Frame 06</i>	42
<i>Frame 07</i>	42
<i>Frame 08</i>	42
<i>Frame 09</i>	42
<i>Frame 10</i>	43
<i>Frame 11</i>	43
<i>Frame 12</i>	43
<i>Frame 13</i>	43
<i>Frame 14</i>	43
<i>Frame 15</i>	44
<i>Frame 16</i>	44

LISTA DE ABREVIATURAS

ABC - American Broadcasting Company.....	16
SBT - Sistema Brasileiro de Televisão.....	16

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 OBJETIVOS.....	12
1.1.1 Objetivo geral.....	13
1.1.2 Objetivos específicos.....	13
1.2 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	13
2 CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	15
2.1 TIPO DE ESTUDO.....	16
2.2 COLETA DE DADOS: <i>corpus</i> da pesquisa.....	18
2.3 IMAGINÁRIO CINEMATOGRAFICO.....	18
2.4 O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO.....	20
2.5 REPRESENTAÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO.....	21
2.6 VALORAÇÃO.....	23
2.7 MÉTODO DA MONTAGEM.....	24
3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	25
3.1 É BOM ESTAR NA MÉDIA.....	26
3.2 AÇÃO DE GRAÇAS II.....	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE A – Episódios analisados.....	51

1 INTRODUÇÃO

As representações dos bibliotecários apresentadas nas imagens em movimento, como cinema e televisão, sugerem ao telespectador como a profissão funciona. Mas nem todas elas estão realmente de acordo com o profissional “bibliotecário”.

O bibliotecário tem que, primeiramente, assumir sua profissão, aceitar seu *status* para assim, tentar tornar diferente o comportamento das pessoas. Souto (2005, p.30) comenta que “[...] há toda uma questão cultural que dificulta a aceitação e reconhecimento dos bibliotecários [...]”; assim, “[...] espera-se que os bibliotecários assumam uma postura mais ativa e lutem por seu reconhecimento social”.

Ao afirmar que se torna então indispensável desmistificar a imagem do bibliotecário, guardião de papéis empoeirados e incontáveis fichas amareladas, e sempre de mau-humor, exigindo na biblioteca um silêncio sepulcral, (CASTRO, 2000, p.121), mostra-se a imagem do local e do profissional ao citar o silêncio absoluto como exigência de quem trabalha com a informação. Dessa maneira, acredita-se, também, na necessidade de mudança da imagem do bibliotecário.

A ideia de trazer personagens (através da comunicação de massa) que interpretem as diferentes nuances da profissão, ou que se relacionem com bibliotecários de diferentes formas, surge com o intuito de mostrar as diferenças existentes em cada um. Desse modo, a escolha do seriado *The Middle* e do personagem Brick Heck não é à toa e se justifica. Afinal, ao analisar as representações do bibliotecário, é mostrado o imaginário coletivo formado e disseminado pelo seriado, bem como são categorizadas as imagens apresentadas.

1.1 OBJETIVOS

A seguir serão descritos o objetivo geral e os específicos.

1.1.1 Objetivo Geral

Identificar as representações audiovisuais do profissional bibliotecário apresentado no seriado *The Middle*.

1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Caracterizar o imaginário do bibliotecário relacionando as representações audiovisuais;
- b) Analisar as imagens do bibliotecário conforme a teoria da montagem cinematográfica por justaposição.

1.2 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA DE PESQUISA

O trabalho se justifica pela grande presença de representações, nos meios de cultura, que refletem o profissional da informação.

Segundo Souto:

[...] o bibliotecário é comumente taxado como um profissional exageradamente passivo, sem ambições, muito pouco criativo, que não consegue manter uma relação estável com seus pares, principalmente no que tange à participação e apoio às entidades de classe. (SOUTO, 2005, p.34).

A possibilidade de reflexão a partir do imaginário do bibliotecário pode possibilitar tornar a imagem da profissão muito mais interessante para os que não a conhecem totalmente.

Também observamos em Souto que:

[...] o ambiente real de uma biblioteca, nem sempre é silencioso, é muito dinâmico e desafiador. E ainda, embora disponha de técnicas tradicionais, hoje os profissionais estão mais preocupados com o desenvolvimento de serviços e instrumentos inovadores que satisfaçam às necessidades dos usuários. (SOUTO, 2005, p.35).

O leigo pode, dessa forma, começar a mudar sua opinião sobre o profissional de informação.

Segundo Cuty, nos estudos do imaginário:

[...] enquanto sistema de representações coletivas, os textos, as palavras, as imagens e os sons se colocam no lugar do mundo, confirmando, negando ou transfigurando esse universo percorrido no espaço e no tempo. (CUTY, 2006, p.11).

O imaginário será a representação do profissional da informação; por essa razão, há uma preocupação com a imagem que é transmitida. Para Laplantine e Trindade (1997, p.27), “[...] o processo do imaginário constitui-se da relação entre o sujeito e o objeto que percorre desde o real, que aparece ao sujeito figurado em imagens, até a representação possível do real”.

Conforme o exposto, a principal questão a ser investigada pelo presente trabalho, é **quais as representações do bibliotecário no seriado *The Middle – Uma Família Perdida no Meio do Nada?***

Partindo de autores como Pesavento, Coelho, Wilkoszynski, e Cuty, serão selecionados conjuntos de *frames* que tragam as questões de representação do bibliotecário no seriado escolhido. Estas tratarão do imaginário e da representação do bibliotecário nas imagens em movimento. Ademais, autores notórios, como Jacques Aumont, René Gardies, Christian Metz, Willi Bolle e Gilbert Durand, trazem à luz reflexões que vão ao encontro das análises propostas pelo trabalho e da justificativa para a escolha do seriado.

O trabalho se concentrará no campo do imaginário e nas imagens audiovisuais que serão destacadas na montagem realizada pela autora.

2 CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A abordagem deste trabalho foi qualitativa e exploratória ao estudar os fenômenos e interpretá-los.

Segundo Maanen (1979, apud Neves, 1996, p.1) “[...] a expressão ‘pesquisa qualitativa’ [...] compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”. A pesquisa qualitativa é um cruzamento, um estudo do processo, ela repensa e explora o objeto. Céli Pinto (2008, p.137) diz que um “[...] estudo qualitativo examina em profundidade e em extensão as qualidades de um fenômeno [...]”. Creswell (2010, p.209) afirma que “[...] a pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem”.

Além disso, ela é subjetiva por serem os dados coletados preferencialmente nos contextos em que os fenômenos são construídos (DIEHL, 2004, p.52). E exploratória, pois como afirma Gil:

[...] as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (GIL, 2006, p.43).

A metodologia utilizada foi o método da montagem como superposição, método este utilizado por Walter Benjamin. Antes de conceituar a superposição, é necessário falar sobre a imagem dialética. Esta articula a ideia de “despertar”, através de uma superposição entre o agora e o ocorrido (COELHO, 2011, p.94), ou seja, superposição entre o passado e o presente. De acordo com Coelho:

[...] as imagens dialéticas não são dadas empiricamente, mas resultam de uma ‘construção’, por meio da qual se tornam objetos históricos. É esse conceito do ‘agora’ que faz com que as imagens do passado sejam legíveis somente no momento presente. (COELHO, 2011, p.95).

É preciso desconstruir as imagens para depois reuni-las formando um imaginário coletivo diferente.

Bolle categoriza que:

[...] a superposição de imagens é a mais propícia [...] para 'radiografar' o imaginário coletivo. Em parte, ela se inspira no cinema, em que a 'fusão' de duas imagens é obtida pelo esvanecer (*fading out*) da primeira, da qual surgem, cada vez mais nítidos (*fading in*), os contornos da segunda. Ao lado dessa passagem 'suave', existe a 'superposição' propriamente dita, que consiste no encavalamento de um plano em cima de outro. (BOLLE, 1994, p.98).

As imagens dialéticas surgem desta nova superposição de imagens criadas pelo método da montagem. Nelas, estão presentes fragmentos do passado e do presente. Segundo Coelho (2011, p.99), “[...] a partir de uma ‘estética fragmentária constelacional’ e do ‘princípio da montagem’ é desenvolvido o funcionamento das principais técnicas benjaminianas de montagem”.

Técnicas estas, que foram utilizadas nesse trabalho como forma de rever as representações do bibliotecário na imagem em movimento através do seriado *The Middle*.

Segundo Cuty (2006, p.18), “[...] o método desenvolvido por Benjamin considera a construção analítica como *obra aberta*, ou seja, sujeita a uma interpretação de cada leitor”. Dessa forma, a leitura feita das imagens é interpretada diferentemente por cada pessoa.

De acordo com Pesavento (2002 apud Wilkoszynski, 2013, p.28), “[...] enquanto categoria analítica, o imaginário pode ser definido como um sistema de representações coletivas de ideias e imagens que é construído pelos homens para atribuir significado ao social”. Ou seja, o imaginário são as representações sociais.

2.1 TIPO DE ESTUDO

Os objetos do estudo foram episódios selecionados do seriado *The Middle* que tivessem alguma relação com o tema “bibliotecário”.

The Middle – Uma Família Perdida no Meio do Nada é uma série televisiva cômica norte-americana, com duração média de 20min por episódio.

Vai ao ar semanalmente pela rede ABC, nos Estados Unidos, e pelo SBT, no Brasil. No seu país de origem está no final da quarta temporada; no Brasil está no final da primeira temporada.

O seriado trata de uma família de classe média que vive em Orson (cidade fictícia), nos Estados Unidos. A família conta com a mãe e esposa Frances “Frankie” Heck, que vê a família como seu principal alicerce. A série é narrada por ela, que se vê frequentemente frustrada com as atitudes de seus filhos e tenta ao máximo conseguir que suas vontades sejam cumpridas de uma forma que o marido tenha a última palavra; este é Michael “Mike” Heck, honesto e antiquado, que não sabe lidar muito bem com os filhos, supondo que sua vida é estável; apesar disso, é dele a última palavra da casa, mesmo que esta seja manipulada pela esposa.

O casal tem três filhos. Axl Heck, o primogênito, um adolescente praticante de esportes, preguiçoso, alienado, que anda sempre com sua roupa de baixo pela casa e não dá importância para nada, mas, mesmo assim, tem momentos de carinho com a família (embora logo após se arrependa). Sue Sue Heck, a filha do meio, é uma adolescente fracassada que, embora não consiga atingir nenhum de seus objetivos traçados, tem um otimismo enorme e não se deixa abalar por suas derrotas. Seu nome está escrito duas vezes devido a um erro na certidão de nascimento. Por fim, temos Brick Heck, o filho mais novo, um menino estranho, que sussurra para si mesmo que tem sua mochila como melhor amiga. É extremamente inteligente, mas muito distraído, por estar sempre lendo algum texto, esquecendo, assim, de fazer as tarefas e trabalhos escolares. Também é obcecado por livros e bibliotecas.

Brick, além de fazer uma idealização do profissional da informação, convive e interage diretamente com os bibliotecários. Temos assim a ideia estabelecida pelos escritores da série, mostrando, por sua vez, a visão a qual o personagem faz do profissional em questão.

Brick tem uma verdadeira paixão por livros. Para ele, nada é mais importante; por isso, a biblioteca é um lugar que ele tanto preza. Nas férias, Brick frequenta mais assiduamente esse lugar, buscando satisfazer seus hábitos de leitura e, também, ajudar a bibliotecária a carimbar livros, por exemplo.

Brick conhece, inclusive, a Classificação Decimal de Dewey, e estava empolgadíssimo com o fato de que a bibliotecária iria lhe ensinar a classificar literatura Etrusca. O fascínio do garoto é tanto que ele passa até seu aniversário na biblioteca, com direito até mesmo a fotos com a bibliotecária.

No entanto, em determinado momento, houve um atrito entre o caçula dos Heck com a bibliotecária do colégio, que o advertiu que poderia ser reprovado, pois estava com trinta e um livros atrasados há muito tempo. Mas, para o garoto, ela também tinha uma parcela de responsabilidade.

2.2 COLETA DE DADOS: CORPUS DA PESQUISA

Para a coleta de dados, foram escolhidas imagens representativas acerca da interação entre o bibliotecário e os personagens do seriado. Sendo assim, foi necessária uma descrição dos *frames* e diálogos, isto é, uma análise e uma interpretação iconográfica.

Pesavento (2005, p.65) afirma que “[...] montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método [...] para atingir os sentidos partilhados pelos homens [...]”. Seguindo essa linha de raciocínio, foi aplicado o método da montagem nessas imagens.

2.3 IMAGINÁRIO CINEMATOGRAFICO

O processo do imaginário lida com a transformação das imagens em uma percepção da realidade. Ele reconstrói o real ou o transforma.

Para Laplantine e Trindade (1997, p.24) o imaginário é “[...] a faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de apresentação de uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção”. Assim é preciso organizar as imagens, libertar-se delas para depois organizá-las e “traduzi-las”.

O imaginário é a representação do objeto no qual o sujeito se deixa moldar. Ele leva o espectador a redescobrir sentimentos, ansiedades, apreensões da vida cotidiana. Mettrau afirma que:

[...] o termo 'imaginário social' indica não a soma nem a aglutinação das criações coletivas de uma sociedade, mas, sim, o reflexo de suas oposições, referentes à compreensão de seus mitos e suas práticas sociais. (METTRAU, 2009, p.57).

O imaginário nos leva a compreender as capacidades dos homens através das imagens. Laplantine e Trindade (1997, p.28) afirmam que “[...] o imaginário não é a negação total do real, mas apoia-se no real para transfigurá-lo e deslocá-lo, criando novas relações no aparente real”. Ele monta um conjunto de imagens representativas para um povo ou determinado grupo social.

Segundo Pesavento (2005, p.43) “[...] entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo.”.

Por conseguinte, podemos entender o imaginário como a construção de representações coletivas pelos homens para atribuir sentido ao social, ou seja, são as referências culturais, que são transformadas em ideais dos indivíduos para atribuir significado e valores às imagens percebidas.

Segundo Coelho (2011, p.71), “[...] o imaginário, como sistema de ideias e imagens de representação coletiva tem a capacidade de criar o real”. Dessa forma, as imagens tornam-se uma narrativa que contam histórias de personagens, atribuindo significados aos mesmos. O espectador faz a leitura de uma imagem, podendo formar diferentes interpretações.

No cinema, a imaginação se projeta na tela e, consoante Aumont (1993, p.118) “[...] o imaginário é o domínio da imaginação, compreendida como faculdade criativa, produtora de imagens interiores eventualmente exteriorizáveis”. Assim sendo, as imagens trazem lembranças e se tornam influenciáveis para o público. O cinema e a televisão têm um grande alcance e, tendo domínio das massas, podem ocasionar diferentes interpretações de um mesmo assunto, de uma mesma imagem. A construção da imagem e sua compreensão não dependem somente do espectador, mas também dos homens por trás das câmeras que tentam traduzir para o público a sua imaginação. Para Gardies:

[...] com a imagem, *a priori*, tudo é possível; os condicionalismos vêm das regras de gênero e das regras ligadas aos espaços de recepção. As regras de *gramaticalidade* das línguas naturais são substituídas

por regras de *aceitabilidade*. O que é aceitável num filme burlesco não o será num *western* clássico, o que é aceitável numa pintura não o será num logotipo. Existem, portanto, várias <<gramáticas>> das imagens. (GARDIES, 2011, p.191).

Ademais, Gardies (2011, p.149) afirma que a nossa visão é condicionada pela interpretação que a acompanha, formando um processo único de visão-interpretação.

O filme nos dá o sentimento de estarmos assistindo diretamente a um espetáculo quase real, onde a impressão de realidade é também a “realidade da impressão”, a presença real do movimento (METZ, 1972, p.16).

Freitas (2002, p.59) afirma que “[...] a imagem cinematográfica permite, então, a interação entre o real e o imaginário; o espectador tem consciência da ilusão, mas essa consciência é percebida na vivência da realidade”.

O espectador, embora desligado da realidade, presencia na tela o real imaginário, ou seja, percebe que o que está passando é a realidade.

A imagem fílmica proporciona, pois, uma relação afetiva entre o público e o cinema.

2.4 O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

A existência da Biblioteconomia é muito antiga: as bibliotecas eram espaços conhecidos como depósitos de tesouros bibliográficos nos quais trabalhavam copistas e bibliotecários conservadores; sendo umas das primeiras de que se tem notícia, por exemplo, a Biblioteca de Alexandria.

Com o passar dos tempos, o bibliotecário deixou de ser apenas um profissional considerado “medíocre” e passou a ser conhecido como o “profissional da informação”. Título este que ainda não é amplamente conhecido fora das redes de cursos como os de Comunicação.

Sobre os bibliotecários, Silva afirma que:

[...] hoje, podemos dizer com total propriedade, que não estão mais limitados as atividades de uma biblioteca. Deixaram de ser passivos, guardiões de livros, para ganharem o mérito e a glória de se tornarem grandes formadores de leitores em qualquer ambiente informacional e através de diferentes recursos tecnológicos e técnicas inerentes ao bibliotecário. (SILVA, 2005, p.10).

Possibilita-se, assim, um grau de conhecimento muito mais amplo acerca dessa profissão.

Segundo Valentim (2000, p.136) “[...] a informação como objeto de estudo e de trabalho é o ponto norteador para a atuação do profissional da informação, atualmente”. Assim, o bibliotecário não está mais restrito a guardar e entregar livros, mas também pode mostrar que tem muito mais conhecimento do que o suposto pelos usuários.

O profissional da informação tem de ser plenamente ciente dos processos de trabalho, da implantação de métodos objetivos de medidas e avaliações e de melhoras na gestão das organizações de bibliotecas (MACIEL; MENDONÇA, 2000, p.13).

Para Silva:

[...] frente às novas tecnologias que surgem a cada dia e, com isso, o aumento das exigências pelos usuários dessas inovações, depara-se um profissional que precisa atender exigências que requerem qualidade e muita velocidade. Ter conhecimento dos mecanismos virtuais de busca da informação existentes atualmente tornou-se tão natural quanto saber a localização de um livro na estante da Biblioteca. (SILVA, 2005, p.9).

Essa mudança comportamental não pode ficar restrita, deve ser repassada aos meios de comunicação de massa para que seja divulgada ao público em geral.

2.5 AS REPRESENTAÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO

O modo como o profissional da informação é retratado no cinema e na televisão influencia o comportamento dos usuários e dos possíveis usuários, assim como também dá crédito ou não para o curso de Biblioteconomia.

De acordo com Oliveira:

[...] a literatura biblioteconômica tem citado, frequentemente, a crença de que as atitudes negativas do bibliotecário com relação à profissão constituem um sério problema para formação de sua imagem profissional. (OLIVEIRA, 1983, p.9).

Além de o profissional ter atitudes positivas com relação ao curso, também seria de grande valia que os profissionais que divulgam a imagem do bibliotecário fizessem o mesmo.

De acordo com Valentim o profissional da informação:

[...] precisa, antes de tudo, perceber qual realidade está vivenciando, primeiramente entender o ambiente em que atua, num segundo momento criar mecanismos eficientes de atuação na sociedade e, finalizando, enfrentar as mudanças cada vez maiores, antecipando-se às necessidades futuras da sociedade. (VALENTIM, 2000, p.136).

O bibliotecário tem de estar preparado para os tipos de imagens que serão mostradas sobre sua profissão, pois, conforme Souto (2005, p.33), “[...] a biblioteconomia conseguiu certo destaque como campo científico já faz algumas décadas. Entretanto, essa profissão é altamente dotada de estereótipos, de maneira geral, por toda a sua sociedade”. Portanto, a partir disso, é necessário que se busque modificar as imagens negativas, mostrando ao usuário o verdadeiro profissional da informação.

Manguel (2001, p.21) afirma que “[...] as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos”. Ou seja, as imagens irão demonstrar o bibliotecário como ele é (ou como o descrevem).

Conforme afirma Jacobsen (2010, p.25), “[...] a imagem de uma profissão constrói-se a partir das atitudes e do comprometimento de seus profissionais e de como estes se refletem na percepção da sociedade”. Dessa maneira, o bibliotecário precisa saber como as representações perante o público são importantes para formar a opinião de grupos sociais.

É indispensável a desmistificação da imagem do bibliotecário, guardião de livros, papéis empoeirados e fichas amareladas (CASTRO, 2000, p.120). Para que isso aconteça, as imagens televisivas e cinematográficas podem ser uma excelente forma de contribuição.

Acerca dessa percepção, Fischer afirma que:

[...] esse processo todo de ver e produzir imagens, no caso imagens televisivas, existe como prática social, imerso que está em uma dinâmica econômica, política e cultural. E existe como uma linguagem do nosso tempo, como um modo de produzir, criar, imaginar, narrar histórias, sonoridades, cores, figuras, personagens, notícias. (FISCHER, 2001, p.57).

Sendo assim a forma de representação do bibliotecário é extremamente importante para a formação do perfil do profissional da informação para o público.

As representações sociais são produtos de interação e comunicação; assim sendo, são formas de conhecimento e informação que têm por finalidade a elaboração do comportamento de indivíduos (NITSCHKE, 2008, p.14).

Para Pesavento:

[...] as representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de conduta e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2005, p.39).

A realidade é reconstituída por meio de representações que os indivíduos estabelecem em relação a ela. A interpretação destas é o que irá diferenciar a leitura da imagem.

2.6 VALORAÇÃO

Os valores representam uma ordem de preferência, da expressão da consciência coletiva. Para Reale:

[...] os valores representam [...] o mundo do dever ser, das normas ideais segundo as quais se realiza a existência humana, refletindo-se em atos e obras em formas de comportamento e em realizações de civilização e de cultura, ou seja, em bens que representam o objeto das ciências culturais. (REALE, 2002, p.162).

A valoração se dá pelo que é desejável, que dê prazer. Para Reale (2002, p.165), “[...] as coisas valem em razão de algo que em nós mesmos se põe como desejável ou apetecível”, ou seja, os valores seriam objetos idealizados, mas não somente estáticos, que refletem a experiência humana.

Acerca dessa percepção, segue Reale:

[...] os valores são (...) algo que o homem realiza em sua própria experiência e que vai assumindo expressões diversas e exemplares, projetando-se através do tempo, numa incessante constituição de entes valiosos. (REALE, 2002, p.176).

Os valores não estão isolados uns dos outros, ordenam-se de modo gradativo, formam-se através de um conjunto de significações.

O valor se insere ou se pressupõe em cada ato cognoscitivo, sendo, pois, elemento essencial do processo ontognoseológico (REALE, 1999, p.186). E por ontognoseologia, entende-se como o estudo do conhecimento do real a partir dos objetos que o compõem. Reale afirma que:

[...] os valores atuam como fatores *constitutivos da vida cultural*, uma vez que, sendo expressões da consciência intencional, dão sentido aos atos humanos, vistos estes não apenas como *objetos*, mas também como *objetivos* a serem atingidos. (REALE, 1999, p.191).

Por conseguinte, o valor é a significação que a razão do homem dá a tudo com o que se relaciona, é a interpretação dada pelos homens às coisas.

García Morente (1930, p.300) assegura que “[...] o ter valor é o que constitui o valer; valer significa ter valor, e ter valor não é ter uma realidade entitativa a mais ou a menos, mas simplesmente não ser indiferente, ter esse valor”. Enfim, é a relação entre os sujeitos que valoram e as coisas valoradas.

2.7 MÉTODO DA MONTAGEM

Benjamin buscava na técnica da montagem um método que fosse capaz de justapor fragmentos. Segundo Eisenstein:

[...] a justaposição de detalhes parciais em uma dada estrutura de montagem cria e faz surgir aquela qualidade geral em que cada detalhe teve participação e que reúne todos os detalhes num todo, isto é, naquela imagem generalizada, mediante a qual o autor, seguido pelo espectador, apreende o tema. (EISENSTEIN, 2002, p.18).

Logo, os detalhes que formam uma imagem e que foram criados através do princípio da montagem captam o espectador e o fazem entender suas representações. As justaposições dos elementos formadores da imagem suscitam no espectador a imagem completa do tema. A imagem é formada de todas as representações separadas.

Para Eisenstein (2002, p.22) “[...] a imagem de uma cena, de uma sequência, de uma criação completa, existe não como algo fixo e já pronto. Precisa surgir, revelar-se diante dos sentidos do espectador”.

A montagem faz esse papel, tendo por objeto as imagens em movimento e extraíndo delas o todo, isto é, as ideias.

Eisenstein (2002, p.28) afirma que “[...] a montagem tem um significado realista quando os fragmentos isolados produzem, em justaposição, o quadro geral, a síntese do tema. Isto é, a imagem que incorpora o tema”. Ela reside, pois, no fato de incluir no processo criativo a razão e o sentimento do espectador.

O espectador faz parte da montagem, ele é levado a criar uma imagem de acordo com as sugestões do autor. A imagem é criada pelo autor, mas também pelo espectador.

Segundo Martin (2011, p.155), “[...] a sucessão dos planos de um filme funda-se no *olhar* ou no *pensamento* (...) dos personagens ou do espectador”, para ele, “[...] um filme é somente uma sequência de fragmentos da realidade cuja ligação dramática e cuja unidade significativa provêm daquele que percebe”.

A montagem é a ligação entre o espectador e o autor, “[...] cada uma das imagens de um filme mostra um aspecto estático dos seres e das coisas, e é sua sucessão que recria o movimento e a vida” (MARTIN, 2011, p.160). O autor mostra sua visão pessoal do mundo e o espectador a interpreta de sua maneira.

Para Bolle (1994, p.88), “[...] os procedimentos de montagem sublinham o seu caráter de “obra aberta”, fazendo com que o leitor se torne co-autor do texto, efetuando a montagem por sua conta”.

O espectador é o alvo do autor, para ele foi construída a imagem e é ele quem irá interpretá-la à sua maneira. Assim, a imaginação do leitor realiza a interpretação da cena, surgindo para ele a imagem dialética, ou seja, o passado e o presente juntos.

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Analisou-se a representação do bibliotecário na televisão, especificamente em um seriado cômico, a fim de demonstrar que o espectador toma para si a montagem e cria elos através delas. Além disso; valores são apresentados na formação das cenas em questão.

Foram dois os episódios escolhidos para exemplificar o método da montagem por justaposição e como este pode influenciar a maneira pela qual os bibliotecários são vistos: o episódio vinte e quatro, “É Bom Estar na Média”, da primeira temporada, o qual trata diretamente da bibliotecária em seu ambiente de trabalho; e o episódio nove, “Ação de Graças II”, da segunda temporada, que mostra o bibliotecário fora do seu ambiente de trabalho.

Os diálogos são mostrados em formato de roteiro para melhor compreensão e adequação do conteúdo.

3.1 É BOM ESTAR NA MÉDIA

Em “É Bom Estar na Média”, Sue mostra o livro do ano para sua mãe na esperança de ter aparecido em alguma foto; o que, como de costume, não acontece. No meio disso, Frankie e Mike são chamados pela professora de Brick para que tomem ciência de que o menino talvez não vá para a terceira série, porque não devolveu os livros retirados da biblioteca, trinta e uma obras.

Enquanto isso, Axl é reconhecido como “academicamente dotado”. Dessa maneira, Frankie e Mike avisam a Axl que suas notas na escola deverão refletir essa realidade.

Brick, depois de conversar com os pais, concorda em buscar a resolução de seu problema com a bibliotecária, Sra. Nethercott, profissional que tem o *status* de “instituição” no Colégio Orson.

SRA. NETHERCOTT

Ah, é você. (*frame 01*)

BRICK

Oi, Sra. Nethercott. Algum problema? (*frame 02*)

SRA. NETHERCOTT

Se há um problema? (*frame 03*)

Sabe Brick, quando chegou nessa escola, estava tão animada de saber que um menininho que ama os livros tanto quanto eu. É o sonho de uma bibliotecária.

BRICK

Obrigado.

SRA. NETHERCOTT

Me deixe terminar.

Brick fica assustado.

SRA. NETHERCOTT

Por anos eu observei enquanto você levava um livro atrás do outro, atrás de outro, atrás de outro, e os trazia cobertos de xarope e iogurte... Isso quando eles voltavam.

Brick fecha os olhos.

BRICK

Olha, podemos jogar o jogo da culpa o dia todo. O ponto é, eu amo livros. (*frame 04*)

SRA. NETHERCOTT

Você diz que ama livros. Mas não acho que ame. (*frame 05*) Amo os livros desta sala como se fossem meus bebês. (*frame 06*) Você está com 31 deles. (*frame 07*) 31 dos meus bebês.

Sra. Nethercott começa a espalhar as fichas dos livros no balcão.

SRA. NETHERCOTT

E os quero de volta. (*frame 08*) Todos eles. Ou você não vai para a

terceira série.

Brick arregala os olhos.

SRA. NETHERCOTT

Isso mesmo. Sem frações para você. Sem letra cursiva. Sem viagem para uma fazenda Amish.

Brick fica desapontado.

SRA. NETHERCOTT

Você acha que consegue sobreviver no mundo real sem letra cursiva?

Sra. Nethercott faz cara de má.

SRA NETHERCOTT

Não consegue.

Brick arregala os olhos assustado.

BRICK

Olha, você precisa aceitar alguma responsabilidade aqui.

SRA. NETHERCOTT

Shhh!

Sra. Nethercott aponta para o calendário.

SRA. NETHERCOTT

Você tem até o aniversário de Walt Whitman. (*frame 09*)

Sra. Nethercott ironiza.

SRA. NETHERCOTT

Boa sorte.

Brick sai desapontado.

Diálogo 01.

Em casa, Frankie está feliz; tendo em vista que, aparentemente, seus problemas estavam sendo resolvidos: Sue conseguiu entrar no time de Cross Country do colégio, Brick encontrava os livros perdidos e Axl estudava em seu quarto.

No outro dia, Frankie e Mike acabam frustrados por saber que todos os seus esforços foram em vão: Sue foi atropelada por um veado; Axl, mesmo estudando, não foi bem em um teste aplicado pelo pai; e havia ainda um livro perdido da biblioteca que Brick não conseguia encontrar.

Mais tarde, Brick volta à biblioteca.

SRA. NETHERCOTT

Esse está meio grudento.

BRICK

Pode provar que não estava assim quando peguei?

Os dois se encaram e Brick sorri maliciosamente.

SRA. NETHERCOTT

Certo Brick. Parece que estão todos aqui. De algum jeito você conseguiu.

BRICK

Te vejo na terceira série, Sra. Nethercott.

Sra. Nethercott verifica as fichas.

SRA. NETHERCOTT

Bem, bem, bem. O que temos aqui? (*frame 10*)

Parece que ainda está faltando um livro.

Sra Nethercott aponta para uma ficha.

SRA. NETHERCOTT

Esse porquinho não voltou para casa. Voltou, Brick? (*frame 11*)

É um grande e caro livro de referências. (*frame 12*) É um atlas.

BRICK

Mas eu já procurei a minha casa toda. (*frame 13*)

SRA. NETHERCOTT

Onde poderia estar? Se ao menos tivesse um mapa para achá-lo.

Você tem até o aniversário de Arthur Conan Doyle para trazer.

(*frame 14*) Se não, te vejo na segunda série.

Brick sai desapontado.

Diálogo 02.

Chegando em casa, Brick procura o livro. Axl descobre que foi um engano terem pensado que ele era academicamente dotado. Ademais, Sue, mesmo machucada, corre para se manter no time.

Por fim, Frankie e Mike têm uma noite de comemorações: Sue entrou para o time, Axl tirou a melhor nota de sua vida e Brick achou um jeito de ir à terceira série - pegando o mesmo atlas na biblioteca municipal e devolvendo-o à biblioteca da escola.

Frame 01.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 02.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 03.



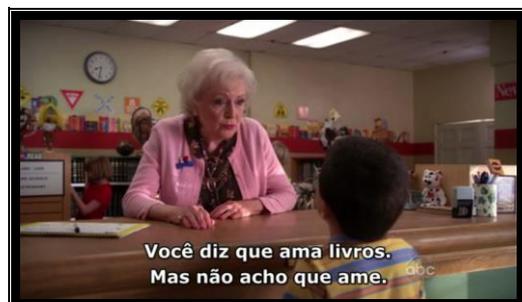
Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 04.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 05.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 06.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 07.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 08.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 09.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 10.



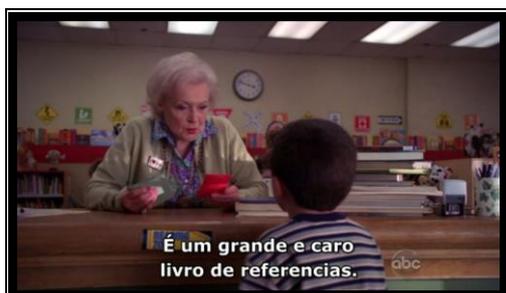
Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 11.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 12.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 13.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 14.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

No Diálogo 01, conhecemos a bibliotecária, senhora Nethercott, uma senhora idosa, de cabelos brancos, óculos no pescoço e conhecida como uma verdadeira instituição do Colégio Orson. Além disso, controladora e influente não somente na biblioteca, como também em toda a escola.

Na sequência do *Frame 01*, temos representações, como o broche da Sra. Nethercott, com os dizeres “*I love books*”, um adesivo que fica na parte de trás do balcão, escrito “*read*” e outro fixado no balcão, aonde os leitores vão diretamente ao encontro da bibliotecária, escrito “*reading zone*”. Eles são apresentados simbolicamente para apresentar a biblioteca.

Além disso, no Diálogo 01, observamos que Brick e a Sra. Nethercott amam livros; sendo que esta tem uma verdadeira fixação por eles ao considerá-los como seus filhos (além de chamá-los de seus, quando na realidade são da biblioteca). O diálogo é marcado por uma tensão entre os dois, pois a Sra. Nethercott tenta reaver a todo custo “seus filhos”, e Brick tenta encontrar uma maneira de contornar a punição por estar com as obras da biblioteca atrasadas.

No *Frame 01*, temos, também, uma situação de “*plongée*”, que é a filmagem de cima para baixo, a qual “[...] tende, com efeito, apequenar o indivíduo, a esmagá-lo moralmente, rebaixando-o ao nível do chão”. (MARTIN,

2011, p.44); usada, assim, para indicar o poder da bibliotecária. Em contraponto, no *Frame 02* a situação é o “contra-*plongée*”, que confere a ideia de “[...] superioridade, exaltação e triunfo, pois faz crescer os indivíduos e tende a torná-los magníficos”. (MARTIN, 2011, p.43). Assim, ele é usado para diminuir o garoto. Na sequência dos *frames*, é usado um jogo entre os ângulos de filmagem citados, demonstrando a pequena batalha que os dois personagens estavam travando.

No *Frame 08*, vemos a Sra. Nethercott com um punhado de fichas verdes, correspondentes aos livros não entregues de Brick. Nesse ponto, é mostrada a típica bibliotecária, tão disseminada pela comunicação de massa: idosa, com fichas nas mãos e óculos pendurados no pescoço.

Na justaposição dos elementos visuais, juntamente com os elementos vocais, o espectador faz uma leitura, a qual é representada pela rigidez da bibliotecária ao coagir o menino, através do medo e da ameaça, a devolver os livros. Mesmo ele afirmando ser tão amante das artes literárias.

Chegando ao *Frame 09*, ao ser mencionado Walt Whitman, encontramos a valoração, ou seja, os objetos de adoração citados anteriormente como o broche, os adesivos, os livros, o amor, somados com esse grande autor, demonstram o valor que a bibliotecária dá à sua profissão. Nesse plano, o espectador vê não somente a rigidez, como também o conhecimento da profissional bibliotecária; o mesmo acontece mais adiante quando ela cita Edgar Allan Poe.

Nos *Frames 10, 11, 12 e 14*, do diálogo 02, novamente é mostrada a rigidez e o conhecimento. A valoração encontrada se dá a partir de todas as referências que foram elencadas ao longo do episódio; desde os broches de “*I love books*” até as ameaças da Sra. Nethercott. A valoração se revela com o passar das imagens referenciais demonstradas.

A montagem aqui instiga o espectador a ver a bibliotecária como uma senhora mal-humorada e rígida, mas amante da profissão. É uma verdadeira sequência de imagens dialéticas que, através da montagem por justaposição, resultam em uma valoração que o próprio espectador cria. É ele que dá vida ao que é mostrado na tela.

Essa série de referências culturais delimita o imaginário. O espectador constrói em seu consciente e subconsciente uma dita imagem do profissional da informação.

Assim, a construção do roteiro, combinado com a montagem cinematográfica influenciam na interpretação dos dados transmitidos.

3.2 AÇÃO DE GRAÇAS II

Em “Ação de Graças II”, vemos, no início, Frankie falando ao telefone com a mãe, dizendo o quanto está chateada por ela não comemorar o Dia de Ação de Graças (feriado norte-americano e canadense que simboliza a gratidão pelos bons acontecimentos do ano, comemora-se com festas e orações).

Já no trabalho, Frankie convida seu colega Bob para o jantar de Ação de Graças. Ele, então, pergunta se pode levar sua namorada, a bibliotecária da Biblioteca Pública.

Chegando em casa, Sue avisa a mãe que, por ela estar chateada devido ao fato de sua mãe não ir à festa de Ação de Graças, elas iniciarão uma nova tradição de mãe para filha, fazendo juntas uma torta de maçã. Frankie não fica feliz, embora não aparente. Aproveita, então, e avisa que Bob levará a namorada, senhorita Gibbs, que é bibliotecária. Brick escuta.

BRICK

Espera aí. Uma bibliotecária virá aqui? (*frame 01*)

FRANKIE

Isso mesmo.

BRICK

Uma bibliotecária de verdade virá aqui?

FRANKIE

É o que parece.

BRICK

Meu Deus. O que irei vestir? O que direi?

Axl, temos que arrumar nosso quarto. (*frame 02*)

AXL

Tá, isso não vai rolar.

BRICK

É, vamos ver se isso muda sua opinião. Uma bibliotecária virá aqui!

AXL

Meu Deus. Porque não disse isso? Nesse caso...

Axl derruba o cereal de Brick na mesa e sai rindo, demonstrando toda sua preocupação.

Diálogo 01

Enquanto isso, Mike tenta convencer seu pai a ir ao jantar. Tendo essa etapa concluída, Mike vai à busca de seu irmão, Rusty, para também chamá-lo para a Ação de Graças, tudo a mando de Frankie.

Algum tempo depois, Brick e Axl estão brigando, os homens assistem ao jogo na televisão e as mulheres estão na cozinha tentando fazer torta de maçã. Segundo Frankie, estava começando a parecer Ação de Graças.

AXL

Contarei ao pai.

BRICK

Contarei a ele que é um idiota.

Axl falando a Mike.

AXL

Ele arrumou minhas coisas e agora não acho meus “nunchakus”.

São a única coisa que me importo aqui!

BRICK

Uma bibliotecária está vindo. (*frame 04*)

Brick, indignado.

BRICK

Como não entende isso?

Não dá pra falar com ele. (*frame 05*)

Diálogo 02.

Enquanto isso, Frankie vai ajudar Sue, que se cortou tentando cortar uma maçã.

No momento do jantar de Ação de Graças, Bob chega com sua namorada.

BOB

Frankie, esta é Lisa, o novo raio de sol da minha vida.

LISA

Obrigado por me convidar à sua adorável casa. Eu trouxe meu próprio purê de batatas.

FRANKIE

Não precisava trazer.

LISA

Sou intolerante à lactose, estou te fazendo um favor.

BOB

Ela não é incrível?

Brick, ao telefone.

BRICK

Vó tenho que ir, a bibliotecária chegou. (*frame 06*)

Bob pega o telefone e sai falando com a avó de Brick.

FRANKIE

Lisa, você deve conhecer meu filho Brick da biblioteca. (*frame 07*)

LISA

Claro, bonita gravata. (*frame 08*)

Brick está usando uma gravata com desenhos de livros.

BRICK

Obrigado, é difícil encontrar roupas com temas de livros. (*frame 09*)

LISA

Nem me fale. (*frame 10*)

Diálogo 03.

Assim, todos se sentam à mesa para o tradicional jantar de Ação de Graças. Brick e Lisa conversam empolgadamente.

LISA

Então realmente leu todos os Dickens? (*frame 11*)

BRICK

Sim, comecei no verão e terminei na primavera. (*frame 12*)

BOB

Na idade dele eu também lia bastante. Mas sem Dickens, fui educado em casa.

A minha lista de leitura era sobre como evitar o diabo.

Lisa e Brick se olham com cara de espanto.

Diálogo 04.

Enquanto o jantar continua, Sue ainda tenta fazer a torta de maçã, contudo Frankie a faz desistir no momento em que ela derruba a torta recém-retirada do forno em seu próprio pé. Frankie, então, ao retirar uma torta de maçã congelada da geladeira, fala para a filha que, por ter sido aquecida em casa, ela era caseira.

Seguindo o jantar.

BRICK

E então eu entreguei para ele e ele arquiva o livro em 592, (*frame* 13) e era um livro de botânica! (*frame* 14)

LISA

Meu Deus, todos sabem que botânica é 580-589. (*frame* 15)

BRICK

Claro! (*frame* 16)

BOB

Sabe que livro eu realmente amei? “O Apanhador no Campo de Centeio”.

BRICK

Sério? Qual sua parte favorita?

BOB

Quando... Ele apanhou o centeio.

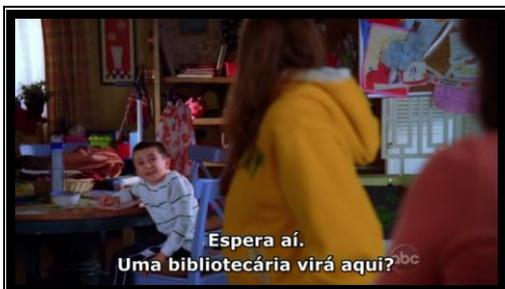
BRICK

Foi o que pensei.

Diálogo 05.

Por fim, Frankie se dá por satisfeita ao fazer as pazes com a mãe, conseguir ouvir Mike dizer “eu te amo” para o pai e de ter o jantar agradável que tanto almejava.

Frame 01.



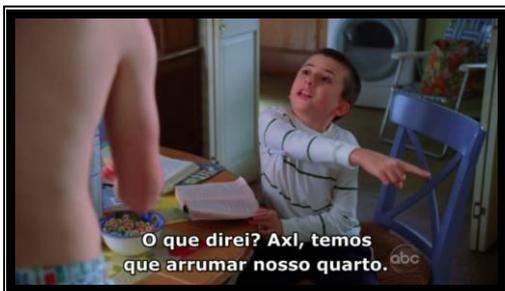
Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 02.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 03.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 04.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 05.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 06.



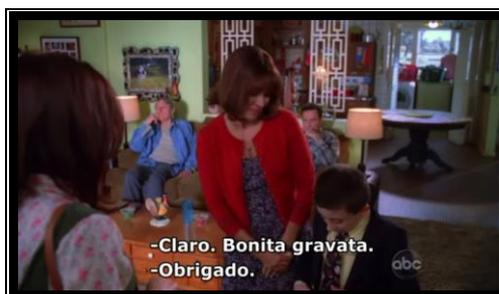
Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 07.



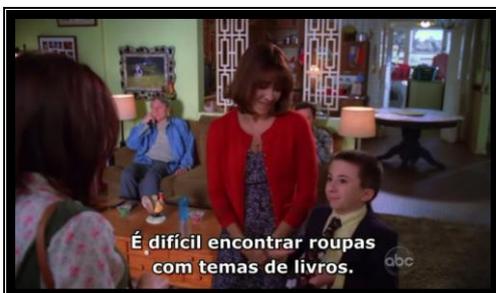
Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 08.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 09.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 10.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 11.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 12.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 13.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 14.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 15.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Frame 16.



Fonte: Imagem da autora a partir do DVD.

Neste episódio, a bibliotecária é mostrada fora de seu ambiente de trabalho.

Temos, no Diálogo 01, Brick emocionado ao saber que uma bibliotecária de verdade iria à sua casa; tanto que sua maior preocupação é em impressioná-la, pois para ele é uma ocasião única.

Nos *Frames* 01 a 03, vemos essa excitação toda do garoto ao saber da novidade. Aqui, temos o contraste entre Brick, que está lendo durante o café da manhã, e seu irmão mais velho Axl, que veste apenas meias e cueca, sem dar a mínima para o que ocorre ao seu redor.

No Diálogo 02, mais uma vez é mostrada a indiferença de Axl em relação à bibliotecária e à preocupação de Brick em impressioná-la. Este tenta, a todo custo conseguir que o irmão mais velho entenda que uma visita da bibliotecária seria um evento especial.

No diálogo 03, a bibliotecária é introduzida na cena: ela é jovem, está de cabelos soltos (não é o usual mostrado no cinema) e usa óculos. Brick é então apresentado a ela e também elogiado por sua gravata. O menino fala como é difícil encontrar roupas com temas de livros; e Lisa, a bibliotecária, concorda. A gravata, nesse caso, é o símbolo que une Brick e a bibliotecária.

Dos *Frames* 06 a 10, vemos a felicidade de Brick ao receber uma bibliotecária em sua casa. E, nos diálogos 04 e 05, temos a grande interação entre os dois: o caçula dos Heck demonstra conhecimentos até mesmo acerca da CDD. Assunto esse que, dificilmente, uma criança saberia, por ser extremamente técnico. Isso ocorre nos *Frames* 10 a 16.

Nos *frames* citados, o princípio da montagem instiga o espectador a ter uma nova compreensão, uma nova percepção do profissional da informação.

Esse conjunto de imagens forma um imaginário coletivo diferente do típico bibliotecário apresentado pela comunicação de massa.

Através da visão a qual o garoto tem do profissional, o espectador constrói a sua própria representação do bibliotecário. Nesse caso, os valores são vistos através dos diálogos e dos objetos que são mostrados, como o livro, a gravata e os óculos; da citação de Dickens e da classificação de Dewey. Essas referências levam à valoração da montagem.

É o processo criativo se unindo com a razão e o sentimento do espectador para, assim, fazer a sua construção do bibliotecário.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento presente a profissão de bibliotecário já é mais difundida, contudo, ainda persiste certa visão negativa do profissional da informação. Portanto, quando os aspectos positivos da profissão são enaltecidos, convém destacá-los.

Desta forma, este trabalho buscou mostrar as representações do bibliotecário expressas pela comunicação de massa, mais especificamente através da interação de um garotinho com a biblioteca e com a bibliotecária em um seriado norte americano transmitido também no Brasil.

Sendo o bibliotecário um profissional da informação, faz-se necessário que este divulgue seu trabalho, assim como os demais colaboradores da biblioteca, que precisam mostrar que muitos aspectos mudaram no ambiente da biblioteca. Ela é mais interativa e mais íntima dos usuários, deixando de ser apenas mais um ambiente de leitura. Ela se transformou com o passar dos anos e o bibliotecário tem que seguir essa transformação.

O imaginário faz parte das modificações que podem ocorrer com as representações do bibliotecário, reconstruindo, assim, o real e transformando-o. No cinema e na televisão, a imaginação se projeta na tela e ao invés de obedecer às leis do mundo exterior, obedece as da mente.

As imagens são um conjunto de versões da realidade apresentadas por roteiristas e diretores, porém a leitura, a construção do conjunto destas, é o espectador quem ajuda a construir. Com o método da montagem, o espectador “entra” no roteiro e constrói um sentido que para ele será único. O imaginário é assim “criado” pelo coletivo.

O cinema e a televisão carregam uma parcela significativa de formação de opinião. Deste modo, a maneira como a informação é repassada ao público é extremamente importante, pois muitas vezes o único contato entre o público e o profissional se dá somente através da comunicação de massa.

O imaginário une o consciente e o subconsciente, criando assim um entendimento que será único no momento. As transformações vão ocorrendo com o tempo e com o acréscimo de mais informações que vão sendo adquiridas pelo espectador.

Para o bibliotecário, o correto entendimento da profissão é essencial para demonstrar toda a sua capacidade e toda a gama de atividades que pode realizar.

As imagens tem um grande poder de persuasão, por isso é tão importante o modo como o profissional está sendo apresentado para o público. Cada detalhe na imagem constrói uma versão da profissão na mente do espectador, que vai percebendo e criando versões das informações repassadas. Sua imaginação vai trabalhando essas representações e construindo sua versão da realidade, surgindo assim, sua própria leitura e entendimento do tema proposto.

Dessa forma, em meio a tantas informações que são transmitidas pela comunicação de massa, a maneira como elas são “lidas” pelo público é primordial para qualquer tipo de representação do bibliotecário e para a ênfase positiva da profissão.

O imaginário também é construído pelo contexto cultural, que no caso do personagem proposto, é representada pela realidade norte americana a qual, pelos padrões mais comuns, é vista como uma sociedade consumista e bélica e menos informada e cultural. Com isso, o garoto é tachado de “estranho” entre eles. Talvez em outros contextos, como o europeu, especialmente o francês e o inglês, ele fosse melhor compreendido.

Assim, sendo o contexto cultural uma grande influência na construção do imaginário, será que as formas de representação do bibliotecário na mídia nacional seriam as mesmas que as apresentadas no seriado *The Middle*?

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1993.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BOLLE, Willi. **Fisignomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- CASTRO, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira**: perspectiva histórica. Brasília: Thesaurus, 2000.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.
- COELHO, Leticia Castilhos. **Revelando a paisagem através da fotografia**: construção e aplicação de um método: Porto Alegre vista do Guaíba. 2011. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) UFRGS: Programa de Pós-Graduação. UFRGS: Porto Alegre. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/40403>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2013.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CUTY, Jeniffer Alves. **Cinema & Cidade**: Porto Alegre entre a lente e a retina. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) UFRGS: Programa de Pós-Graduação. Porto Alegre. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/7278>>. Acesso em: 15 de novembro de 2012.
- DIEHL, Astor Antônio. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.
- EISENSTEIN, Sergei. **O sentido do filme**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FREITAS, Cristiane. Imagens cinematográficas: o prazer do encontro. **Logos**: comunicação & universidade, Rio de Janeiro, v.9, n.17, p.59-65, 2002.
- GARCÍA MORENTE, Manuel. **Fundamentos de filosofia I**: lições preliminares. São Paulo: Mestre Jou, 1930.
- GARDIES, René (org.). **Compreender o cinema e as imagens**. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2006.

- JACOBSEN, Priscila Saraiva. **A imagem do profissional bibliotecário na literatura de ficção**. 2010. Trabalho de Conclusão de Graduação. UFRGS. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/25765>>. Acesso em: 18 de novembro de 2012.
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liane. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- MACIEL, Alba Costa ; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações**. Rio de Janeiro: Interciência ; Niterói: Intertexto, 2000.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- METTRAU, Marsyl Bulkool. Imaginário, criatividade e processo criativo. In: AZEVEDO, N.; SCOFANO, R. (Orgs.). **Recortes do imaginário: novas colagens**. São Paulo: Alínea, 2009, p.53-76.
- METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v.1, n.3, p.1-5, 1996.
- NITSCHKE, Angela Morel. **Representações sociais e práticas profissionais na sociedade da informação: estudo com usuários de bibliotecas universitárias de Porto Alegre**. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/13795>>. Acesso em: 23 de Janeiro de 2013.
- OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **O bibliotecário e sua auto-imagem**. São Paulo: GABARITO Arte & Texto, 1983.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, Cesar A. Barcellos. **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- REALE, Miguel. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- REALE, Miguel. **Experiência e cultura**. Campinas: Bookseller, 1999.
- SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Bibliotecários especialistas: guia de especialidade e recursos informacionais**. Brasília: Thesaurus, 2005.
- SOUTO, Leonardo Fernandes. Biblioteconomia em reflexão: cenários, práticas e perspectivas. In: SOUTO, Leonardo Fernandes (Org.). **O profissional da informação em tempo de mudanças**. Campinas, SP: Alínea, 2005, p. 29-53.

VALENTIM, Marta Pomim. **Profissionais da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000.

WILKOSZYNSKI, Artur do Canto. **Imagens da Arquitetura**: narrativas do imaginário urbano em Porto Alegre. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) UFRGS: Programa de Pós-Graduação. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/8163>>. Acesso em: 03 de janeiro de 2013.

APÊNDICE A – Episódios analisados

AÇÃO de graças II. Diretor: Ken Whittingham. Roteiro: Rob Ulin. Elenco: Patricia Heaton, Neil Flynn, Charlie McDermott, Eden Sher, Atticus Shaffer, Chris Kattan, Laura Heisler. EUA, 2010.

É BOM estar na média. Diretor: Wendy Stanzler. Roteiro: DeAnn Heline, Eileen Heisler. Elenco: Patricia Heaton, Neil Flynn, Charlie McDermott, Eden Sher, Atticus Shaffer, Betty White. EUA, 2010.